

A MEMÓRIA DISCURSIVA EM FUNCIONAMENTO: O PT SOB A ÓTICA DA *REVISTA VEJA*

*Welisson Marques**

RESUMO: Este artigo vinculado ao projeto de Pesquisa: “A constituição do(s) sujeito(s) nas inscrições enunciativas da revista veja no discurso político ao significarem o partido dos trabalhadores” do Curso de Mestrado em Lingüística da Universidade Federal de Uberlândia de nossa autoria propõe fazer uma pequena análise de um artigo publicado na revista *Veja* acerca do Partido dos Trabalhadores em 12/09/2007. Nosso trabalho está pautado no construto teórico da Análise do Discurso de vertente francesa voltando-se principalmente para as noções de sujeito e sentido discursivos propostos por Pêcheux (1997), das noções de heterogeneidades segundo Authier-Revuz (2004), dos conceitos de memória e intericonicidade segundo Courtine (2006), e ainda utilizando-se dos conceitos de polifonia e dialogismo segundo Bakhtin. Este trabalho volta-se para uma breve análise, apresentando conclusões parciais.

PALAVRAS-CHAVE: Análise do Discurso. Discurso Político. Revista *Veja*. PT.

ABSTRACT: This paper is connected with the Project of Research: “The constitution of the subject(s) in *veja* magazine in the political discourse when he/they mean(s) the brazilian labour party” of the Master’s Degree Course of the Federal Universtiy of Uberlândia amd proposes to make a short analysis of an article published in

* Professor da UFTM – Universidade Federal do Triângulo Mineiro e da Universidade de Uberaba em Lingüística e Língua Inglesa. Especialista em Metodologia do Ensino-Aprendizagem em Língua Estrangeira e Mestrando em Estudos Lingüísticos pela Universidade Federal de Uberlândia. Orientado pelo Prof. Dr. Cleudemar Alves Fernandes. E-mail profissional: welissonmarques@yahoo.com.br

Veja magazine about the Brazilian Labour Party on 12th September 2007. Our work is based mainly on the authors of the French Discourse Analysis using the notions of subject and discursive meaning proposed by Pêcheux (1997), the concepts of heterogeneities according to Authier-Revuz (2004), the concepts of memory and intericonicity following Courtine's reflections (2006), and also using the concepts of polyphony and dialogism in Bakhtin (2002). This work focuses on a brief analysis bringing partial conclusions. **KEYWORDS:** Discourse Analysis. Political Discourse. Veja Magazin. PT (Labour Party).

O enunciado circula, serve, se esquia, permite ou impede a realização de um desejo, é dócil ou rebelde a interesses, entra na ordem das contestações e das lutas, torna-se tema de apropriação ou de rivalidade. (FOUCAULT, 1995)

E digam o que disserem, na vida científica os problemas não se formulam de modo espontâneo. É justamente esse sentido do problema que caracteriza o verdadeiro espírito científico. Para o espírito científico, todo conhecimento é resposta a uma pergunta. Se não há pergunta, não pode haver conhecimento científico. Nada é evidente. Nada é gratuito. Tudo é construído. (BACHELARD, 1996, p. 38).

À guisa de introdução

Tencionamos, *a priori*, realizar uma exposição dos postulados teóricos que embasarão nossa análise, a saber os conceitos de memória discursiva e intericonicidade consoante com Courtine (2006) e história segundo Foucault (1995) e, em um segundo momento, proceder à análise de alguns recortes de uma reportagem publicada na Revista Veja em 12/09/2007 intitulada "A Second-Life Petista - Pelas idéias delirantes e pela tese de que o mensalão não existiu, o congresso do PT parece coisa do mundo virtual"

que trata da temática Partido dos Trabalhadores e que integra nossa pesquisa de Mestrado.

Fundamentação teórica

O primeiro pilar do nosso arcabouço teórico sobre o qual gostaríamos de refletir é o da memória discursiva. Memória não se refere às lembranças que um indivíduo tem do passado. Segundo Courtine, o termo “memória discursiva” designa algo distinto de qualquer lembrança ou memorização psicológica. Tal noção diz respeito à “existência histórica do enunciado” no interior de práticas discursivas que são reguladas por aparelhos ideológicos. Ou seja, um texto se inscreve em uma *formação discursiva* (FD, doravante), em função de uma memória discursiva que o texto retoma e do qual é parte.

Sendo assim, quando uma determinada análise é realizada sob a ótica da Análise do Discurso de vertente francesa e, mais especificamente, nessa perspectiva courtineana de memória discursiva faz-se necessário olhar para o aspecto histórico-social, para os elementos constitutivos da materialidade linguística que se vinculam a FDs específicas. “O domínio de memória é constituído, assim, por um conjunto de sequências que preexistem a um certo enunciado” (POSSENTI, 2004). Ou seja, a memória implica uma relação da linguagem com a história e pensá-la requer observar as relações conflituosas dos aspectos de historicidade com os processos da linguagem.

Ainda, trabalhando as conceituações de memória, Pêcheux (1990) a define como “um conjunto complexo, pré-existente e exterior ao organismo, constituído por uma série de ‘tecidos de índices legíveis’, que constitui um corpo sócio-histórico de traços”. Ademais, Bakhtin argumenta que o caráter mais importante, e também mais ignorado de todo enunciado é o seu dialogismo, isto é, a sua dimensão intertextual e que a cultura é composta de discursos que preservam a memória coletiva em relação aos quais todo sujeito é obrigado a se situar.

Isto posto, entendemos que realizar uma análise sob tais pers-

pectivas rompe com a tradição de análise de conteúdo. O que importa para a Análise do Discurso (AD) não é simplesmente explicar o que um texto *contém* ou quais informações o constituem, aspectos próprios às teorias da informação, mas, sim que os enunciados fazem parte da história, retomam uma memória e que, em uma instância de enunciação específica, o enunciador inscreve-se a uma FD específica.

Pêcheux e Fuchs (1975, p. 182) argumentam que “um *corpus* é constituído por um conjunto de discursos concretos e de objetos discursivos, estando essas superfícies dominadas por condições de produção estáveis e homogêneas”. Ora, se os discursos, segundo esses autores, são dominados pelas condições de produção, fica claro que os mesmos são históricos, ou seja, não são circunstanciais.

Concernente à relação história e memória, podemos sempre afirmar que há uma ligação íntima entre as duas. É impossível desvincular uma da outra, pois a primeira é constitutiva da segunda. Foucault (1995) apresenta a noção de ruptura como forma de compreender como os processos históricos são descontínuos. Essa descontinuidade histórica deslocada para a análise do discurso ajuda-nos a compreender os sentidos dos enunciados que, muitas vezes, são interpretados analisando o sócio-histórico, que não é linear, mas descontínuo e marcado por rupturas.

Segundo esse mesmo autor, ruptura significa instaurar uma problemática nova ou uma mudança epistemológica. A título de exemplificação, podemos utilizar as próprias conceituações relativas à AD que rompem com várias concepções da linguística, como a do enunciado como sendo um propósito do autor, ou em relação ao sujeito que é denominado na linguística textual como emissor, falante, produtor, sujeito empírico, etc., ou mesmo em relação ao sentido proposto pela filologia como sendo único e transparente. A AD rompe com estas e outras concepções.

AAD rompe com o conceito de sentido dos enunciados como algo imanente, assim como ele é prescrito pelos dicionários. Para que os compreendamos, é necessário olhar para a história, como afirmado anteriormente, para os acontecimentos e os discursos

produzidos na e pela história como forma de compreender suas formações, suas vinculações às entidades e grupos sociais e consequentemente às ideologias que interpelam tais discursos. Foucault (1995) propõe o método arqueológico como forma de interpretar os sentidos e podemos, grosso modo, resumir sua tese como uma proposta de explicitar a produção histórica do enunciado. Em relação ao método arqueológico, Gregolin (2004a) elucida o pensamento foucaultiano

por meio da exposição dos conceitos envolvidos na análise arqueológica, Foucault mostra sua compreensão das *relações que os discursos estabelecem com os sujeitos, com a História, com as práticas discursivas*. Por serem produto dessas práticas, as maneiras de se utilizarem as possibilidades do discurso são reguladas, regulamentadas: *não se pode, absolutamente, falar de uma coisa qualquer num lugar e tempo qualquer*. Há, sempre, que se submeter à ordem do discurso. (GREGOLIN, 2004a, p. 96, grifos nossos).

Gregolin (2004b), ainda citando Foucault, pontua que

Foucault parte do primado da relação: as coisas só existem por relação, tudo é histórico, tudo depende de tudo (e não unicamente das relações de produção), explicar um objeto consiste em mostrar de que contexto histórico ele depende. Por isso, o discurso é o que realmente é dito, sem que o sujeito saiba que está dizendo outros sentidos do dizer [...] podemos pensar, com Foucault, que a produção dos sentidos é uma luta discursiva travada na trama tênue do tecido histórico de uma sociedade. (GREGOLIN, 2004b, p. 41).

Foucault (1995) se aproxima muito das concepções da nova história. Na *Arqueologia do Saber* ele se afasta das noções de linearidade e continuidade advindas da História tradicional e apresenta os conceitos de descontinuidade, transformação e ruptura, conforme mencionado anteriormente, entre outros conceitos que são basilares em sua proposta para analisar o(s) discurso(s).

Mas o que vem a ser essa nova história? Segundo Burke (1992) essa nova história traz uma transformação (talvez uma ruptura?) no paradigma historiográfico. Há uma mudança de abordagens em analisar a história. A história diz respeito não somente à política, mas a toda atividade humana. “O que era previamente considerado imutável é agora encarado como uma construção cultural sujeita a variações, tanto no tempo quanto no espaço” (BURKE, 1992, p. 11). Nessa nova perspectiva percebemos uma preocupação em ver a história em sua totalidade e não somente narrativas contadas “de cima para baixo”. Analisar a cultura popular agora é também relevante em oposição à focalização unilateral de grandes feitos. Segundo a perspectiva tradicional, os documentos oficiais eram colocados em um patamar acima de outras fontes, agora se busca uma maior variedade de evidências. De uma visão objetiva, volta-se para a heteroglossia.

Certeau (2002) ao se referir aos discursos os define como históricos porque estão “ligados a operações e definidos por funcionamentos” e ainda que “também não se pode compreender o que *dizem* independentemente da *prática* de que resultam”. (CERTEAU, 2002, p. 32). Ora, é justamente essa relação do discurso com a história que é exposta por Foucault em sua Arqueologia e que influenciaram (ou inquietaram?) Michel Pêcheux posteriormente e, conseqüentemente, a AD como um todo. Os discursos nunca mais seriam analisados da mesma maneira.

Essa mudança em como observar/analisar a história sob diversos ângulos parece ter sido deslocada, pois vemos essas concepções de não homogeneidade, de inacabado, de “não haver bordas ou limites”, dos entrecruzamentos dos saberes nos estudos históricos presentes nas noções de sentido, do sujeito e, também, das formações discursivas nas reflexões de Foucault, Pêcheux e outros quando se referem ao discurso.

Em suma, é impossível pensarmos o discurso desvinculando-o de suas condições de produção, dos acontecimentos históricos, uma vez que para analisarmos o objeto da AD faz-se necessário olhar para a “a existência histórica do enunciado”, como afirma Courtine, e para os sentidos que são engendrados externamente

e não dentro do próprio texto.

Por fim, em relação à análise dos elementos não-verbais presentes no *corpus*, os analisaremos sob a ótica de Courtine (2006) que apresenta a noção de intericonicidade referindo-se às imagens que são ressurgidas, lembradas, evocadas quando vemos ou simplesmente imaginamos uma imagem. Tal conceito será de fundamental importância em nossa pesquisa, uma vez que tentamos fazer uma análise dos enunciados não-verbais imbricados à matéria em análise.

Análise

A partir dessas considerações, propomos realizar uma breve análise de alguns recortes do artigo supramencionado intitulado *A Second Life do petismo* – “Pelos idéias delirantes e pela tese de que o mensalão não existiu, o congresso do PT parece coisa do mundo virtual.” Nossa proposta é verificar como o sujeito discursivo se constitui ao significarem o PT especificamente, todavia, acreditamos ser impossível desvincular a imagem dos políticos petistas daquela do próprio partido.

Em primeiro lugar, gostaríamos de analisar a utilização do lexema *second-life* como forma de colocar os políticos filiados ao partido em questão em um lugar ideologicamente determinado. A escolha deste neologismo ao referirem-se ao PT é bastante relevante uma vez que parece revelar como o sujeito enunciativo se constitui em relação ao seu tema-objeto.

Second life é um termo advindo da língua inglesa que significa “segunda vida”, lançado em 23 de junho de 2003 e que, embora seja recente (ainda não se encontra seu significado em muitos dicionários), tende a crescer rapidamente em todo o mundo. É uma espécie de papel virtual que internautas representam em um jogo, sendo que esses jogadores criam uma imagem, um novo ícone de si próprios, os quais se denominam *avatares*. Os usuários criam esses *avatares* sobre si mesmos com qualidades e poderes que não possuem na vida real, ou seja, é uma brincadeira imaginária em que vale tudo, menos ser verdadeiro.

Estima-se que, em menos de cinco anos após sua criação, existem atualmente mais de 13 milhões de usuários registrados¹. Todavia, com o intuito de não apresentar somente cifras, nossa proposta é demonstrar que com a utilização de tal lexema o sujeito tenciona, não somente conspurcar a imagem petista, mas também tachá-lo de um partido alienado e descompromissado com as necessidades e problemas relevantes da sociedade.

Diante dessa contextualização, lembremo-nos das palavras de Pêcheux, quando afirma que a memória refere-se a “um conjunto complexo, pré-existente e exterior ao organismo, constituído por uma série de ‘tecidos de índices legíveis’, que constitui um corpo sócio-histórico de traços”. Aplicando essa definição ao contexto enunciativo, ao observarmos a utilização deste lexema, todo um conjunto complexo, anterior a tal unidade enunciativa, é ativada, pois, como vimos, *second-life* faz alusão a um *jogo*, embora não sendo um especificamente, pois não há vencedores ou perdedores, cujos participantes assumem *papéis virtuais*, é uma *brincadeira*, com fins de *diversão*, eles estão *descompromissados* com a realidade, com a verdade, estão *ociosos*, são *virtuais*, talvez *alienados*, as consequências de seus atos no jogo não são relevantes, ou seja são *inconsequentes*, representam personagens *irreais*.

Isto posto, percebemos que ao utilizar o lexema em análise, todos os demais em destaque supracitados, vinculam-se a toda uma memória que é retomada e constituem um corpo-sócio histórico de traços. Ao elucidar esses traços, Pêcheux (1990) esclarece que estes são ideológicos e referem-se ao “universo de representações e de crenças”.

Ora, se esses traços são ideológicos eles retomam uma multiplicidade de sentidos, heterogêneos, mas revelam a unidade de uma FD e, conseqüentemente, de formações ideológicas que interpelam o sujeito-enunciador em questão.

É relevante explicitar que dentro da AD não poderíamos falar

¹ Segundo dados coletados da enciclopédia digital: www.en.wikipedia.org

que um sujeito-enunciador é imparcial em relação a outro, embora esta seja uma enunciação típica do senso comum, pelo fato disto ser constitutivo na AD. Cada sujeito ao enunciar revela-se em posições que são marcadas sócio-histórico-ideologicamente. Dito de outra forma, as inscrições lexicais dos dizeres do sujeito discursivo revelarão a inscrição ideológica desse sujeito.

Ora, estamos falando de ações e atitudes tomadas pelo Presidente da República e seus cúmplices. A ideia de estarem em um mundo virtual como o sujeito-enunciador coloca é na verdade metafórica, uma vez que o mesmo significa que eles realmente estão sendo *avatares* políticos na realidade e não simplesmente cibernéticos. Há um deslocamento de lugares do virtual para o real que produz efeitos de sentido: de um jogo imaginário para um jogo político. Na verdade, os petistas são *avatares*, jogadores no jogo da vida real. Afinal, eles estão *ocupados apenas com um objetivo: conquistar e manter o poder, se preciso à custa de reinventar a realidade*.

A tese de alienação vinculada ao lexema em análise é reforçada pela seguinte sequência enunciativa: *“No campo eleitoral, o mundo virtual petista também colocou em curso uma realidade de faz-de-conta.”* Estar em uma realidade de faz-de-conta é o mesmo que estar alienado às questões que interessam, que realmente importam para a sociedade e o país.

Nestes enunciados há uma correlação clara desses políticos com o descompromisso, a alienação e a in consequência. Prova disso é a materialização destes elementos lexicais em toda superfície textual: há reincidência das palavras *fantasia* e *delirante*; *second-life* aparece três vezes, e os lexemas *avatar(es)* e *virtual* são utilizados quatro vezes cada um. Cada uma dessas unidades é carregada de ideologias. Não pretendemos com isso realizar uma análise quantitativa de dados, pois “analisar o maior número de marcas e de dados não significa compreender melhor o processo discursivo em questão” (ORLANDI, 1989, p. 32). Dessa forma, focamos nossa análise em uma “exaustividade vertical” como definida por Orlandi, que leva “a conseqüências teóricas relevantes e não trata os dados como meras ilustrações”.

Sendo assim, tomemos o lexema *delirante* como exemplo. É uma palavra ligada à insanidade mental. “O delírio, traduzido da palavra alemã *Wahn* ou *Wahsinn* é uma síndrome constituída por um conjunto de ideias mórbidas que traduzem uma alteração fundamental do *juízo*, no qual o doente crê com uma convicção inabalável. É frequente em *patologias* do foro psiquiátrico, neurológico ou metabólico”.² Pesquisando na história, verificamos que este é um termo advindo da psiquiatria e da medicina, como define *The Hutchinson Encyclopaedia – The Millenium Editon 2000* (1999, p. 303):

O delírio na medicina é um estado de confusão aguda na qual o sujeito fica *incoerente, descontrolado, e fora de contato com a realidade*. É freqüentemente acompanhado por delusões ou *alucinações*. O delírio pode ocorrer em doenças febris, algumas formas de doenças mentais, doenças cerebrais, e como resultado de intoxicação alcoólica ou de drogas. No alcoolismo crônico, os ataques de delírio são marcados por alucinações, transpiração, tremura, e ansiedade que pode(m) persistir por vários dias³. (grifos e tradução nossos).

Ainda vinculando nossa análise à memória discursiva, interessa-nos retomar a memória vinculada ao presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Lula nasceu em Garanhuns no estado do Pernambuco em 1945. Em 1952, ou seja, ainda criança viajou com sua mãe e os seis irmãos para a cidade de São Paulo em um pau-de-arara durante treze dias. Lá estudou e conseguiu concluir o curso de torneiro mecânico pelo Senai, em nível técnico, integrando-se

² Extraído de www.pt.wikipedia.org/wiki/Delirium

³ Delirium in medicine, a state of acute confusion in which the subject is incoherent, frenzied, and out of touch with reality. It is often accompanied by delusions or hallucinations. Delirium may occur in feverish illness, some forms of mental illness, brain disease, and as a result a drug or alcohol intoxication. In chronic alcoholism, attacks of delirium tremens marked by hallucinations, sweating, trembling, and anxiety, may persist for several days.

ao sindicato dos metalúrgicos posteriormente. Sua vida não foi fácil. Seus pais se separaram pouco depois de chegarem a São Paulo. Morou na periferia e, para sobreviver, vendia tapioca nas ruas. Teve problemas de relacionamento com o pai, o qual foi enterrado como indigente.

Diante desta sucinta exposição, deparamo-nos aqui com a personificação de um homem que espelha um sujeito (sob a perspectiva pecheuxtiana) vítima de preconceito no Brasil e que coloca em funcionamento toda uma memória sócio-histórico-ideológica: a do homem pobre, nordestino, sem curso superior e, portanto *incapaz* de ocupar o cargo de maior importância do executivo. A própria Revista Veja, em artigo publicado na edição 1775 de 30/10/2002, logo após sua vitória presidencial, declarou que o mesmo venceu a “lógica que condenou tantos como ele à exclusão como o de ter virado de cabeça para baixo o script da trajetória política convencional.” Lula é a representação de um sujeito sócio-histórico marcado ideologicamente, pois lembremo-nos de que

o sujeito (segundo a perspectiva da AD) refere-se a um sujeito inserido em uma conjuntura sócio-histórica-ideológica cuja voz é constituída de um conjunto de vozes sociais. Compreender o sujeito discursivo requer compreender quais são as vozes sociais que se fazem presentes em sua voz. (FERNANDES, 2007, p. 35).

Em busca de compreender como o sujeito-enunciador se constituiu ao significar o PT e os políticos a ele filiados, chama-nos atenção outro recorte enunciativo. A afirmação de “fantasia travestida de nobreza” referindo-se à proposta partidária em abrir mão da candidatura própria à Presidência da República em 2010 ecoa a(s) voz(es) de (um) sujeito(s) que se coloca(m) em oposição ao sujeito descrito no parágrafo anterior, devido às lutas de classes (ou para evitar polêmicas diante do contexto político-social atual, preferimos utilizar o termo “lutas pelo poder”). Seria Lula um plebeu desejando ser nobre? Ou será que ele já se colocou como nobre (pois já fora eleito), mas não deveria sê-lo? As seguintes declarações parecem reforçar a tese de que ele não tem capaci-

dade, ou as qualidades reais como descrito pelo sujeito em análise, para ocupar tal lugar (ser Presidente da República) devido a sua posição constituída como sujeito sócio-histórico: “O Partido dos Trabalhadores está vivendo um momento, digamos, Second Life, aquela brincadeira da internet em que as pessoas criam para si mesmas avatares com as qualidades que elas não possuem na vida real.” Ainda a utilização da locução adverbial “um momento” dá a ideia de temporalidade alusiva à temporalidade de um mandato presidencial.

Certamente essa ideia de possuir qualidades virtuais é retomada na imagem atrelada à matéria. Há uma imagem dos “avatares” José Dirceu, José Genuíno, do Presidente Lula e de Ciro Gomes que embora não sendo do PT, é aliado político, vestidos com terno e gravata em uma tela de computador. Nesse ínterim, o presidente e seus companheiros estão diante de um dos símbolos mais importantes da nossa política, sinônimo de respeito e orgulho nacional: o Palácio do Planalto. É exatamente neste lugar que (somente) o presidente-avatar Lula aparece voando, ou seja, tem poderes e atributos que realmente não possui na vida real. A imagem lembra a tela de um videogame.

Courtine apud Milanez (2006, p. 168) menciona que “toda imagem se inscreve numa cultura visual e essa cultura visual supõe a existência para o indivíduo de uma memória visual, de uma memória das imagens. Toda imagem tem um eco”. Dito de outra forma, nenhuma imagem (ou discurso) é neutra, ela tem uma razão de existir, pois se vincula ao que lhe é exterior, a elementos dispersos no social, ao histórico, está ligada a outras imagens-discursos, sendo assim, é ideológica e ecoa sentidos.

Essa memória das imagens se chama a história das imagens vistas, mas isso poderia ser também a memória das imagens sugeridas pela percepção exterior de uma imagem. Portanto, a noção de intericonicidade é uma noção complexa, porque ela supõe a relação de uma imagem externa, mas também interna. As imagens de lembranças, as imagens de memória, as imagens de impressão visual, armazenadas pelo indivíduo. Imagens que nos façam res-

surgir outras imagens, mesmo que essas imagens sejam apenas vistas ou simplesmente imaginadas. (MILANEZ, 2006, p. 168).

Se por um lado, os petistas têm poderes e qualidades neste mundo virtual, na prática, isso não acontece. Na verdade, essa imagem é uma auto-imagem petista esboçada sob a ótica do sujeito-enunciador. É uma virtualidade em conseguir grandes feitos, somente em um mundo imaginário, pois no mundo real isso é impossível, não é verdadeiro.

Analisando a construção discursiva, compreendemos que os efeitos de sentido são possíveis a partir de toda uma memória que é retomada, a do sujeito-pobre-nordestino-sem-curso-superior em uma posição que deveria ser ocupada por alguém que não advém de tal conjuntura econômica e sócio-histórica. Segundo Pêcheux (1999, p. 51), a imagem é um operador de memória social, sendo que comporta dentro dela um programa de leitura, um percurso escrito em outro lugar. Há ironia e irreverência no antagonismo criado diante do sujeito-capaz virtual *versus* o sujeito-incapaz do mundo real. A ironia é possível pela negação do que é afirmado ao colocar tais declarações no plano virtual, na *second-life*. Essa negação-afirmação perpassada do imaginário ao real acontece não somente no plano não-verbal, mas também no verbal, especialmente quando se utiliza de *layout* específico com espaçamento duplo dividindo o texto em duas partes separadas pelo enunciado “Enquanto isso na vida real...” possibilitando esse efeito de sentido.

O tom irônico que é na verdade constitutivo de embates ideológicos e revelador da posição-sujeito-enunciador [...] *em sua Second Life, o PT é um partido ético, suas lideranças estão acima de qualquer suspeita e suas propostas têm legitimidade para resolver os grandes problemas do país*. Dito de outra forma: o PT não é ético, suas lideranças “não” são suspeitas e, por último, suas propostas que são pírias, reles não têm legitimidade alguma para resolver os grandes problemas do país.

Ademais, quando é colocado que “o Brasil esperava que o partido, constrangido, no mínimo anunciasse alguma medida contra a corrupção”, percebemos a posição assumida pelo sujeito

enunciador com a utilização do verbo esperar no pretérito-imperfeito do indicativo demonstrando uma expectativa frustrada por parte do sujeito-Brasil. Percebe-se a voz do “outro” demonstrando o descentramento do “eu-Veja” e voltando-se para um sujeito coletivo, plural.

O sujeito enunciador fala em nome do país. Afirma que toda uma coletividade vincula-se a uma formação ideológica contrária ao PT. Ora, é muito arriscado assumir isso, pois assim como o nosso país é fisicamente tão grande, o é também nas diferenças sociais: são inúmeros credos, culturas, raças e etnias chamados Brasil. Logicamente, as diferenças políticas e ideológicas coexistem. As heterogeneidades (sejam elas de qual natureza forem) se revelam no bojo da sociedade. Homogeneizar uma pseudo-opinião em nome de toda uma coletividade reforça a desidentificação do sujeito-enunciador com toda e qualquer proposta petista. Por conseguinte, questionamos se o sujeito-Brasil realmente esperava alguma coisa assim como o sujeito-enunciador afirma.

Por fim, importa-nos retomar que o discurso político será sempre marcado por conflitos e embates e que através da materialidade linguística apreendemos o(s) sujeito(s) e como ele(s) se constitui(em) e são interpelados por formações ideológicas específicas.

Considerações finais

Para procedermos a uma análise, devemos entender que o(s) discurso(s) dialoga(m) com outros, estão ligados a aspectos sociais, políticos e econômicos, são interpelados pela ideologia e que é preciso voltar-se para os aspectos históricos como forma de compreendê-los. Um enunciado, consoante com Foucault (1995), será “dócil ou rebelde a interesses” segundo as posições nas quais os sujeitos se inscrevem.

Em suma, observamos que a partir das análises dos recortes desses enunciados podemos visualizar a posição do sujeito-enunciador e que o mesmo caracteriza-se pela oposição ao Partido dos Trabalhadores e ao governo Lula.

Referências

BACHELARD, G. *A formação do Espírito Científico*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

BURKE, Peter. Abertura: a nova história, seu passado e seu futuro. In: _____. *A Escrita da História – novas perspectivas*. Tradução de Magda Lopes. São Paulo, EDUNESP, 1992 (P. 7-37).

CERTEAU, Michel de. A Operação Historiográfica. In: _____. *A Escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

COURTINE, J. J. O discurso inatingível: Marxismo e Lingüística (1965-1985). *Cadernos de Tradução*, n. 6/jun., 1999. Porto Alegre: 1999, p. 5-18.

_____. Os Deslizamentos do Espetáculo Político. In: GREGOLIN, Maria do Rosário (Org.). *Discurso e Mídia – A Cultura do Espetáculo*. São Carlos: Editora Claraluz, 2003, p. 21-34.

LONARDONI, Marines. O Discurso da ascensão, auge e queda de Antônio Palocci, na ótica das capas de *Veja*. In: NAVARRO, Pedro (Org). *Estudos do texto e do discurso: mapeando conceitos e métodos*. São Carlos: Editora Claraluz, 2006, p. 109-128.

FERNANDES, Cleudemar Alves. *Análise do Discurso: Reflexões Introdutórias*. São Carlos: Editora Claraluz, 2007.

FIORIN, José Luiz. *Linguagem e Ideologia*. São Paulo: Editora Ática, 1997.

FOUCAULT, Michel. *A Arqueologia do Saber*. 6ª edição. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 1995.

GREGOLIN, Maria do Rosário Valencise. O Sentido e suas movências. In: _____. (Org). *Análise do Discurso*. Entornos e Sentidos. São Paulo,

Araraquara, Unesp, 2001.

_____. *Foucault e Pêcheux na Análise do Discurso – Diálogos e Duelos*. São Carlos, Editora ClaraLuz, 2004a.

_____. Michel Foucault: o discurso nas tramas da história. In: FERNANDES, Cleudemar Alves; SANTOS, João Bosco Cabral (Org). *Análise do Discurso: unidade e dispersão*. Uberlândia: Entremeios, 2004b, p. 19-43.

MAINGUENEAU, Dominique. *Análise de Textos de Comunicação*. São Paulo: Editora Cortez, 2002.

_____. *Novas Tendências em Análise do Discurso*. Campinas: 3ª edição, 1997.

NAVARRO, Pedro (Org.). *Estudos do Texto e do Discurso – Mapeando Conceitos e Métodos*. São Carlos: Editora Clara Luz, 2006.

ORLANDI, Eni P; GUIMARÃES, Eduardo; TARALLO, Fernando. *Vozes e Contrastes: discurso na cidade e no campo*. São Paulo. Cortez, 1989.
PÊCHEUX, Michel. *Semântica e Discurso – Uma Crítica à Afirmação do Óbvio*. Campinas: Editora da Unicamp, 1988.

_____. Lecture et mémoire: projet de recherche. In: MALDIDIER, Denise. *L'Inquiétude du Discours – textes de Michel Pêcheux*. Paris: Éditions des Cendres, 1990.

POSSENTI, Sírio. Um Caso de Múltiplas Rupturas. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (Org). *Introdução à Lingüística – Fundamentos Epistemológicos – Vol 3*. São Paulo: Editora Cortez, 2004, p. 353-392.

REVISTA VEJA. Disponível em <<http://vejaonline.abril.com.br/notitia/servlet/newstorm.ns.presentation.NavigationServlet?publicationCode=1>>. Acesso em 30/05/2008.

THE HUTCHINSON ENCYCLOPAEDIA – THE MILLENIUM EDITION 2000.
United Kingdom: Helicon Publishing, 1999, p. 303.

WIKIPEDIA. www.pt.wikipedia.org. Acesso em 30/06/2008.

Recebido em setembro 2008
Aprovado em abril de 2009